

Implicações culturais na saúde mental da mulher indígena de Dourados, Mato Grosso do Sul

Márcia Regina Marchezan¹, Adriana Sordi¹, Leile Fernandes Silverio²

1. UNIGRAN, Centro Universitário da Grande Dourados, Rua Balbina de Matos, 2121

2. SPMS, Membro da Sociedade psicanalítica do Mato Grosso do Su, Campo Grande

Na visão sociológica, cultura é definida como os aspectos da sociedade humana que “são antes aprendidos do que herdados. [...] são compartilhados por membros da sociedade e tornam possível a cooperação e a comunicação. Formam o contexto comum em que os indivíduos numa sociedade vivem as suas vidas” (GIDDENS, 2006, p.38). Ou seja, a cultura permite que sejam divididas e compreendidas, em um contexto cooperativo, as ideias, as crenças, as normas, as regras etc. de uma comunidade, de um povo. E as formas de organização desse povo se constituem através da comunicação e do entendimento das tradições transmitidas e incorporadas de geração em geração, possibilitando, dessa forma, a consolidação de uma identidade. Assim, a construção da identidade de um povo pode se constituir por meio de antecedentes históricos da sociedade a qual pertence. Além disso, na formação e identificação do plano da identidade de um indivíduo, são considerados aspectos referentes à história de vida, sonhos, fantasias, características de personalidade, heranças parentais etc. (BOCK, FURTADO, TEIXEIRA, 1998). Além disso, o fato de a globalização fazer parte da sociedade contemporânea, favorecendo a diversificação de identidades, faz com que os indivíduos, sujeitos ativos desta sociedade, tenham sua identidade muitas vezes fragmentada, tendo ou fazendo parte de várias identidades, como no caso dos povos indígenas que, atualmente, passam por um momento especial da sua história, visto que está ocorrendo, de certa forma, uma dissociação da identidade consciente do “eu”, graças à inserção de novas culturas nas reservas indígenas, no caso em questão, da Reserva Indígena de Dourados (RID, criada pelo Decreto-lei nº 401/1915, localiza-se entre os municípios de Dourados e Itaporã). Um dos fatores da aculturação é o fato de a localização da Reserva indígena ser muito próxima a cidade de Dourados, cerca de 2 km do perímetro urbano e não possuir uma quantidade de terra suficiente para a população indígena. Hoje tem-se uma distribuição de aproximadamente 14.000 indígenas para 3.500 hectares, ou seja, 0,3 ha por pessoa ou 25 ha por família, divididas entre as etnias Guarani (Ñandéva e Kaiowa) e Terena, provocando a interação social entre a população

douradense e a população da Reserva. Outros fatores que afetam a interferência cultural da RI são a falta de condições econômicas enfrentada pelos indígenas e as poucas perspectivas de ascensão social na reserva ou fora dela. Em função da falta de estrutura econômica e devido ao fato de os homens trabalharem como assalariados, em fazendas, no corte da cana-de-açúcar, longe das reservas, as mulheres, muitas vezes, obrigam-se a vender produtos (mandioca, milho etc.) ou, dependendo da situação, a pedir, de porta em porta no perímetro urbano, comida, roupas e outras coisas que possam auxiliar na sua sobrevivência econômica e a de sua família. Nessa busca por uma vida melhor, a população indígena sofre em função de não possuir um direcionamento real para as suas vidas, além disso, precisa enfrentar o preconceito e a discriminação oriundos da população douradense, pois, para muitos, ao homem indígena cabe as seguintes opções: ser cortador de cana ou ser “bóia-fria”. À mulher, na melhor das perspectivas, estão reservados os serviços domésticos, visto que é vista como suja ou ladra, não podendo servir as casas de alto padrão da cidade. Com essa pequena descrição da situação enfrentada pela população indígena de Dourados, é possível pontuar alguns aspectos que culminam para a perda da identidade cultural desse povo e, sobretudo, para a sua desestruturação social e emocional. Nesse conflituoso contexto, em que o choque cultural, aliado à falta de perspectivas e ao confinamento das populações em pequenas áreas, são ingredientes eficazes para a desestruturação emocional e, conseqüentemente, para a aquisição de hábitos não saudáveis como o consumo de álcool, drogas e também para a prática de suicídios, considerada caso de saúde pública devido ao excessivo número. Segundo pesquisas, uma das causas mais evidenciadas para o suicídio é a solidão, juntamente com os “sentimentos de vergonha que pode levá-los a se matar diante um vexame público, uma humilhação. Essa reação é pouco comum em outras culturas, mas na indígena é muito significativa” (<http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=605053>). Assim, a miséria, o alcoolismo, o suicídio, a violência interpessoal afetam consideravelmente a auto-estima da população indígena e, neste grupo, a mulher ganha destaque pela suas responsabilidades frente à estruturação cultural, social e psicológica da comunidade indígena, pois passa a maior parte do tempo na aldeia. Nas palavras de uma indígena, “a mulher tem e sempre teve uma influência muito grande nas decisões internas das aldeias, só que isso não transparece muito para toda a comunidade”, ou seja, aparentemente a sociedade indígena é governada pelos homens. No entanto, essa mulher está administrando, muitas vezes sem preparo psicológico, os fatores culturais que afetam o seu bem-estar

emocional e o da sua família. Considerando essa realidade e a importância da participação e da inovação dos cuidados com a saúde mental, como prática de cidadania, esse relato de experiência traz o levantamento das implicações culturais que vem comprometendo a saúde mental da mulher indígena e respectivamente de sua comunidade – reserva Bororó, da cidade de Dourados, Mato Grosso do Sul. Para tornar possível tal levantamento, foram feitas observações empíricas durante os meses de março, abril e maio de 2010, no Estágio Básico I, da disciplina de Psicologia Social e Comunitária, desenvolvido no Núcleo de Atividades Múltiplas (NAM), da UNIGRAN, na reserva indígena Bororó, de etnia Guarani, Kaiowá e Terena, da cidade de Dourados, MS. A UNIGRAN, através de convênios mantidos com a FUNAI, organizou um projeto de assistência social que possibilita aos cursos da instituição o desenvolvimento dos trabalhos de assistência com as crianças e com os adolescentes, com as mulheres e com os idosos, como também na preparação dos jovens e dos adultos para o mercado de trabalho. Para tanto, foram construídos dois Núcleos de Atividades Múltiplas, um na aldeia Jaguapiru e o outro na Bororó (que funciona desde 2005). O NAM, da aldeia Bororó, é uma área de convivência cultural que abriga salas com estruturas adequadas para o desenvolvimento de diferentes atividades, como aulas de língua portuguesa, palestras com os profissionais e/ou estagiários da área da saúde, atividades culturais, festas etc., e, através deste espaço, foi possível desenvolver os encontros do Estágio Básico I, da disciplina de Psicologia Social, de onde foram colhidas as informações que sustentam este relato de experiência. Para tanto, faz-se necessário descrever como foram coletadas tais informações e as variáveis encontradas nesse percurso. Assim, durante os três meses, foram feitos encontros semanais de aproximadamente uma hora, com um grupo de mulheres de idades variadas, entre 18 a 57 anos. O número de mulheres que participavam das reuniões variava muito, pois quando havia atividades culturais na aldeia, elas não participavam dos encontros. Outro aspecto muito importante é o de algumas das mulheres terem sido alfabetizadas no mês de março, quando foram iniciados os encontros, por isso, muitas vezes as mulheres não compreendiam o que era falado durante os encontros, o que se dificultou o trabalho de coleta de dados, uma vez que este era baseado na fala, ou seja, em conversas de investigação informais. Um outro fator que se faz necessário pontuar é o fato de as mulheres nunca ficarem longe de seus filhos. Assim, para que ocorressem os encontros de forma mais tranquila, foi criado, em uma outra sala, uma espécie de creche para dar suporte às crianças. Enquanto um grupo trabalhava com as mulheres, outro trabalhava

com as crianças com o objetivo, além de cuidar delas, o de promover um elo de confiança e afetividade entre o grupo de estágio e as mulheres indígenas. Os temas abordados nos encontros eram previamente escolhidos pelas mulheres, a partir de suas queixas e circulam nos seguintes eixos: alcoolismo, falta de perspectiva de futuro, saúde da mental da mulher, sentimentos da mulher etc. No primeiro encontro foi abordado o tema saúde mental e o que é necessário fazer para cuidar dela. Frente às colocações sobre a necessidade de se ter atitudes positivas em relação a si próprio, ao crescimento, ao desenvolvimento e a auto-realização, as mulheres proferiram algumas falas tentando definir o que é, para elas, estar bem, estar feliz. Pontuaram a importância de grupos de amigas, a necessidade de sorrir, de dar gargalhadas, mas também destacaram que este fato não acontece sempre. É claramente visível que as mulheres mais velhas apresentam um maior equilíbrio frente às situações conflituosas. Já as mais jovens não apresentam uma posição definida frente aos conflitos, deixando transparecer que a interferência cultural de fora da aldeia afeta seus princípios e suas crenças. Nos outros encontros, mesmo através de uma fala desconfiada e tímida das mulheres, ficou clara a preocupação das mães com as suas filhas em relação à gravidez precoce. As mulheres pontuaram os cuidados necessários que as adolescentes devem ter em não engravidar, pois a tendência cultural é de que as mulheres, mesmo jovens, tenham muitos filhos e depois sejam abandonadas por seus parceiros, arcando com a responsabilidade de prover o sustento social e emocional. Por esse fato, novas inserções culturais têm ganhado espaço na reserva, em que as adolescentes são estimuladas a estudarem e a utilizarem os métodos contraceptivos da própria aldeia (chás) para evitar a gravidez. Com isso surgem conflitos quando, por ventura, estes métodos falham. Surgem os sentimentos de ambivalência em relação a ser mãe e como ser uma boa mãe. Esta situação foi narrada durante os encontros por uma adolescente que, sem querer, acabou engravidando e não estava muito satisfeita com a atual situação. Em um outro encontro, em que o tema abordado se referia aos sentimentos como amor, ódio, ciúmes, ouve uma definição muito interessante, feita por uma indígena de 56 anos, sobre a palavra ciúmes. Esta foi descrita como algo muito ruim e que quando expressada em uma relação conjugal, pode ocasionar violência física contra a mulher, principalmente quando os homens estão alcoolizados. O álcool, segundo relatado pelas mulheres, faz parte do cotidiano da aldeia e é um dos maiores motivos de discórdia entre os indígenas da aldeia Bororó. Ou seja, é evidente que a fome, alcoolismo e uso de drogas desestruturam as famílias indígenas e, principalmente, afetam a estrutura emocional da mulher indígena, conforme

pode ser verificado no relato de Priscila Maciel Guarani, líder entre as mulheres indígenas da Reserva Indígena Bororó, em Dourados: “Agora, nossa ação é voltada para as jovens indígenas. Algumas foram abandonadas em sua infância e hoje são mães aos 13 ou 14 anos”. Segundo ela, a gravidez é resultado de uma cultura de violência que existe nas aldeias. “As meninas são violentadas, muitas vezes pelos próprios padrastos”, denuncia. “O pior é que quando a gente procura os caciques para reclamar da situação o que mais se ouve é eles dizerem que é cultural”, reclama ela. (<http://www.jovensindigenas.org.br/mulheres-indigenas>). A partir da observação feitas durante os encontros, fica evidente os conflitos culturais e psicológicos vividos pelos indígenas da aldeia e principalmente vividos pelas mulheres. Destaca-se que este estudo não está concluído, pois devido a determinadas situações não foi possível concluir as observações dos encontros, por isso não é possível determinar, com precisão, quais são as influências culturais que mais comprometem a saúde mental da mulher indígena e de sua comunidade. Contudo, com informações coletadas, foi possível perceber que o consumo de álcool e a falta de perspectiva de ascensão social são as maiores causas da desestabilidade emocional da mulher indígena.

Referências

A cada 12 dias um índio se suicida em Mato Grosso do Sul. Disponível no site <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=605053>. Acessado em 08 de junho de 2010, às 9 horas.

BOCK, Ana M.; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes T. **Psicologias:** uma introdução ao estudo de psicologia. São Paulo: Saraiva 1998.

GIDDENS, Anthony. **Sociologia.** Porto Alegre: Artmed, 2005.

Mulheres Indígenas. Disponível no site <http://www.jovensindigenas.org.br/mulheres-indigenas>. Acessado em 08 de junho de 2010, às 15 horas.